



FLAVIO DUTRA/JU - FEV. 2009

Obra de Paul Kos, *Sounds of Ice Melting*, 1970, em exposição no museu Guggenheim, em fevereiro de 2009

A cilada da ciência

Regina Maria Guaragna*

Da mesma forma que Bruno Latour foi surpreendido com a pergunta “Você acredita na realidade?”, feita por um colega psicólogo, o mesmo aconteceu comigo ao iniciar a leitura de seu livro *A esperança de Pandora*. Até então, sempre movida pela necessidade de conhecer e exercendo a ciência como pesquisadora, não imaginava o quão séria era essa pergunta antes de ser tomada pelas reflexões de Latour. A distância era tão grande entre o que acreditava pelos estudos científicos e o que significava aquela pergunta, que passei a pesquisar mais. Como o sujeito pode estar absoluta ou relativamente seguro sobre o conhecimento de um objeto do mundo exterior?

Sempre impulsionada pela curiosidade e paixão em conhecer, fui à busca de outras visões de mundo, fora da atividade acadêmica científica, para além dos estudos do metabolismo de lipídios. À medida que percorria estradas diferentes – cinema, teatro, dança, pintura, escultura, fotografia, poesia –, novos mundos surgiam com suas múltiplas expressões artísticas. O universo de conhecimento se expandia, pois, enquanto na ciência se trabalha objetivamente, normalizando e universalizando as informações, o fazer arte se foca no não semelhante, no diferente, ampliando as possibilidades. Então perguntei-me: o conhecimento científico reflete a natureza tal como ela é? Não estaremos subestimando informações? Como discernir com um pressuposto de veracidade sobre um estado de coisas, visto que a ciência, por

ser reducionista, mostra a “realidade” através de um prisma? Logo veio a resposta: precisamos perceber o mundo por meio de diferentes conexões de saber. Precisamos obter o máximo de relações. Porém, para tanto, é preciso alterar nossa postura diante do processo de busca do conhecimento.

De mesma forma que o artista se utiliza da ciência para expressar sua realidade ficcional, o cientista deve ou deveria fazer uso de sua emoção para, através da livre associação e da livre criação, buscar a realidade objetiva. Todo o conhecimento produzido pelo artista ou pelo cientista ocorre no domínio da experiência relacional, que se dá pela linguagem, num fluir de emoção, provocando ação e transformação, trazendo múltiplos desdobramentos para e pelo homem.

Conhecer não é apreender algo que está lá, esperando para ser revelado, mas apreender, em coexistência com o outro, algo em transformação. Assim, conhecer é fazer-se na relação com, é nos complexarmos com o mundo. Ao conectar a arte à realidade, impregnamos as relações para além da identidade. E isto não implica menos rigor científico, ao contrário, exige mais empenho em dar forma ao real com argumentos consistentes. A arte permite criar coisas que “podem ser” e que “não devem ser”; por isso, desenvolve ideias ou hipóteses livremente associadas, de forma criativa, que levam à obtenção e ao estabelecimento de um resultado novo.

Nessa trajetória, passei a me questionar: como estamos educando os futuros seres deste planeta? No século XX, operamos de acordo com paradigmas inscritos cultu-

ralmente, seguindo modelos explicativos, lógicos, dentro de um regulamento normalizador. Isso nos levou ao conformismo cognitivo e intelectual, à regulação e à ordem, além da colonização cultural.

“O cientista deve ou deveria fazer uso de sua emoção para, através da livre criação, buscar a realidade objetiva.”

Regina M. Guaragna

Queremos o mesmo no século XXI? Já se passaram dezenove anos! Quando teremos uma educação emancipatória? No mundo contemporâneo, a ciência e a tecnologia têm provocado deslumbramentos, a tal ponto que a sociedade passou a não investir na formação humanística. Essa postura tem ameaçado a formação ética dos cidadãos, a liberdade de pensamento, a tomada de decisão e o pensamento crítico, todos necessários para o desenvolvimento emancipatório da sociedade. Urgem as teorias e os estudos inter e transdisciplinares saírem dos seus arquivos!

Nesse impulso, a disciplina *Fundamentos de Filosofia e História da Ciência para*

a Educação Científica – Módulo I: Ciência e Arte, o elo perdido na educação foi esboçada como uma obra de arte (diga-se de passagem, com nome de batismo tão longo quanto o das realzas) e começou a ser esculpida a partir de uma pedra bruta. Foi gerada a partir de uma desconformidade ideológica que aos poucos foi desconstruindo paradigmas. Como uma reação em cadeia, esperava desconformar os 44 pós-graduandos inscritos, provenientes de diferentes programas de pós-graduação da área da saúde, das ciências, da educação e das artes. Foram trinta horas de integração e troca de saberes de diferentes campos, gerando debates e discussões sobre diversos temas filosóficos, educacionais, políticos e sociais.

A obra, porém, não está acabada. Logo será ofertado o módulo II, que tratará da educação científica na pós-modernidade. Atualmente, vivemos num tempo de adversidades, em que o ser humano sofre influências de uma sociedade que não pensa em si, mas que precisa encontrar novas saídas e sentidos para a condição humana. Por meio da filosofia e de múltiplos saberes, pretendemos enriquecer, com sua força emancipadora, o potencial transformador do ato de pensar.

Para reflexão utilizo a poesia de Manuel de Barros: “As coisas não querem ser mais vistas por pessoas razoáveis: / Elas desejam ser olhadas de azul”.

*Professora do PPG em Ciências Biológicas: Bioquímica e do Departamento de Bioquímica da UFRGS